

Primeiros riscos: chamadas sobre o tema em capas de *O Globo*¹

Tatiana CLÉBICAR²

Fundação Oswaldo Cruz

Resumo

Este trabalho trata da relevância que o tema risco vem ganhando na contemporaneidade, utilizando como exemplo quantitativo a menção à palavra risco na capa do jornal *O Globo*. Para isso, foram analisadas as primeiras páginas do periódico por oito semanas de 2011 e 2013, totalizando 102 edições. O termo foi utilizado em 23,3% das capas na primeira amostra e em 32,1% da segunda, em diferentes editoriais. O texto discute questões ligadas à emergência do conceito, especialmente no âmbito da saúde, e o papel da mídia na produção social dos sentidos sobre o tema.

Palavras-chave

Saúde e jornalismo; risco, primeira página; *O Globo*.

Introdução

O blog Health News Watchdog, um incisivo, porém bem-humorado observatório da cobertura americana sobre saúde, afirma que são três os erros mais comuns da imprensa especializada. Os jornalistas fariam confusão sobre 1. associação e causa de um agravo em saúde; 2. risco absoluto e risco relativo (de um dado medicamento ou comportamento) frente a efeitos benéficos; 3. os objetivos dos teste de rastreamento. Segundo o autor da postagem, o jornalista Gary Schwitzer (2011), esses são exemplos de como a cobertura de saúde pode “causar danos” à saúde individual e coletiva. Independentemente de se concordar ou não com o comentário, há nele um dado relevante: o trio versa sobre um mesmo tema, a divulgação de fatores de riscos. Seguramente, o autor poderia ter rosnado, como ele próprio se refere aos alertas que publica, sobre inúmeras outras questões dúbias que permeiam os jornais mundo afora – entre eles, poderia ladrar um vira-lata qualquer, a própria definição do que é saúde até a escolha e a omissão de certas fontes. Mas o post de Schwitzer não se pretende científico, trata-se da percepção de alguém que há 40 anos está ligado ao campo do jornalismo em saúde. Sua contribuição, para além das correções necessárias que aponta ali, permite-nos depreender um sentido: o risco, esse construto

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade no Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Ppgics/Icict/Fiocruz)

abstrato com que trabalham as ciências da previsibilidade, tem um valor considerável para nossa sociedade.

Naturalmente, a essa conclusão já chegaram diversos acadêmicos. Um dos que apontaram essa característica pós-moderna com mais precisão foi o sociólogo alemão Ulrich Beck. Não por acaso a primeira edição de seu livro *Sociedade de Risco* é de 1986, ano do desastre nuclear de Chernobyl. Uma de suas mais contundentes conclusões é que, de certa maneira, os riscos nos colocam a todos num permanente estado de atenção e escolha, organizando os estratos sociais de maneira diversa daquela que vigorava até o século XIX. Nesse sentido, ele afirma³:

Com a extensão dos riscos da modernização (que pôs em perigo a natureza, a saúde, a alimentação, etc.) se relativizam as diferenças e os limites sociais. Daí são extraídas consequências muito diversas. Entretanto, *objetivamente* os riscos provocam em seu raio de ação e entre os afetados por ele um efeito igualador. Aí reside precisamente sua inovadora força política. Neste sentido, as sociedades de risco não são sociedades de classes, suas situações de perigo não podem ser pensadas como situações de classe, nem seus conflitos como conflitos de classe. (BECK, 1998, p. 42, grifos do autor)

Embora haja larga margem para discussão a respeito da, digamos, democratização dos riscos, é inegável a proporção com que esse tipo de preocupação vem pautando decisões nas esferas individual e coletiva. O próprio desenvolvimento de um certo tipo de epidemiologia parte de premissas que tornam equânimes os indivíduos expostos a dados fatores causais no sentido de apresentarem um mesmo desfecho. Apesar dos enormes avanços obtidos com o desenvolvimento dessa especialidade sanitária, que emerge num contexto em que o conceito de promoção de saúde passa a integrar o rol de tarefas essenciais da medicina, juntamente com a prevenção de doenças, a assistência aos enfermos e sua reabilitação, vem à tona a falibilidade de modelos de saúde calcados na análise dos riscos epidemiológicos, conforme afirmam Castiel, Guilam e Ferreira:

Há que se considerar, portanto, a possibilidade de a transferência acrítica de ideias e valores ‘importados’ levar a promoção de saúde a difundir a culpabilização da vítima e a experimentar a inocuidade de suas ações e estratégias, caracterizando-se como forma sutil de controle social. A implementação de ações e políticas de saúde fundadas exclusivamente na noção de risco epidemiológico é um dos caminhos mais

³ Tradução nossa para: “Con la extensión de los riesgos de la modernización (con la puesta en peligro de la naturaleza, de la salud, de la alimentación, etc.) se relativizan las diferencias y los límites sociales. De ahí se siguen extrayendo consecuencias muy diversas. Sin embargo, *objetivamente* los riesgos despliegan dentro de su radio de acción y entre los afectados por ellos un efecto *igualador*. Ahí reside precisamente su novedosa fuerza política. En este sentido, las sociedades del riesgo *no* son sociedades de clases; sus situaciones de peligro no se pueden pensar como situaciones de clases, ni sus conflictos como conflictos de clases”.

rápidos para que a promoção de saúde assuma esse indesejado papel. (CASTIEL et al, 2010, p. 36)

Assim, julgamos interessante tentar mensurar a presença do tema na cobertura jornalística brasileira. Spink e colaboradores (2012) observam que alguns atores têm um papel de destaque na produção social dos sentidos sobre o risco por duas razões relacionadas à especificidade de sua função contemporânea: ela é onipresente nas sociedades atuais e redelimita as fronteiras entre o público e o privado ao dar “visibilidade sem precedente” a acontecimentos dessas duas esferas. Nossa hipótese era a de que este seria um tópico que nortearia a pauta de diferentes editorias já que os conceitos ligados ao tema, tais como gestão de risco, risco-país, avaliação de riscos, são caros a diversos setores sociais e campos acadêmicos. Optamos por nos concentrar na primeira página de um grande veículo de comunicação por acreditar que ali, na capa, o jornal oferece ao leitor o que, segundo os seus critérios, há de mais relevante em termos de informação jornalística (MEDEIROS, RAMALHO E MASSARANI, 2010). As notícias que ali são veiculadas receberam espaço e tratamento nobres dentro da lógica da produção do meio de comunicação em questão. Trata-se do que melhor se produziu em termos de texto e imagens naquela edição. Acreditamos que nos ofereça um rico panorama dos sentidos construídos por um jornal impresso.

A emergência do conceito

A relevância de que os fatores de riscos e seu poder preditivo em relação a desfechos no campo da saúde gozam na contemporaneidade parece ter acompanhado a emergência da promoção da saúde como um dos pilares da medicina contemporânea, constituindo-se a epidemiologia (do grego, conhecimento/estudo sobre o povo) uma das principais ferramentas para a definição de ações estratégicas. Delinear minimamente o percurso da especialidade pode contribuir para a compreensão do panorama atual.

A epidemiologia nasce no início do século XX sob a influência dos estudos de Durkheim (suicídio), Engels (tuberculose) e Snow (cólera). Os pressupostos são de que as doenças não ocorrem por acaso e seus fatores causais podem ser identificados por meio da investigação sistemática de diferentes populações em diferentes tempos ou lugares. Seu objetivo é justamente a identificação da causalidade entre distintas variáveis no que se convencionou descrever como exposição (a um dado agente ou comportamento) e desfecho (CASTIEL, 2010).

Para se atingir esse objetivo, os epidemiologistas se utilizam de dois tipos de estudo: os descritivos, que se concentram em registrar a distribuição e manifestação de doenças, e os analíticos, que permitem a comparação entre grupos para testar hipóteses etiológicas. Este segundo grupo se concentra em trabalhos de três naturezas: caso-controle; coorte ou longitudinal; e experimental, cada qual com metodologias e objetivos específicos.

Na impossibilidade de se identificar uma causa direta para certos agravos, a disciplina passa a mirar nas condições capazes de elevar ou reduzir as chances de as populações desenvolverem determinadas doenças, formulando-se assim o conceito de risco que Castiel definirá como uma “forma de compreender e medir a probabilidade de ocorrência de agravos à saúde” (2010, p. 38). A depender de sua relação com o agravo, são três as manifestações de risco: 1. absoluto (incidência); 2. relativo; 3. atribuível.

Com o controle das doenças infectocontagiosas e a observação das doenças não-transmissíveis, a epidemiologia “causal” dá lugar, a partir da segunda metade do século XX, à epidemiologia dos fatores de risco. Um estudo foi pioneiro e importante nesse processo: em 1950, foram estabelecidas as primeiras relações entre hipertensão arterial e doenças cardiovasculares no que ficou conhecido como Estudo Framingham (POLANCZYK, 2005). Datam da mesma época outras pesquisas que também investigavam e confirmavam a relação entre fumo e câncer de pulmão. É a partir dessas primeiras constatações de que mudanças no estilo de vida individual poderiam ter um efeito significativo e benéfico na saúde das populações que as organizações sanitárias em todo o mundo passam a desenvolver estratégias na divulgação destas informações. Uma aliança entre os meios de comunicação e a medicina se intensifica a partir deste momento com o objetivo de transmitir as privilegiadas informações dos peritos para os leigos.

Mais adiante na década de 1970, o canadense Informe Lalonde (1975), que institui o chamado “novo campo da saúde”, incluindo biologia humana, meio ambiente, estilo de vida, todos no nível do sistema de saúde, e o relatório americano Healthy People (1979) propõem que os indivíduos assumam a responsabilidade por sua saúde para que se reduzissem os gastos com assistência, num discurso afinado com uma conservadora abordagem da epidemiologia.

Novamente no Canadá, a I Conferência Internacional de Promoção de Saúde tenta introduzir uma abordagem socioambiental da promoção da saúde, definindo o conceito como os meios necessários para se melhorar a saúde e se exercer maior controle sobre a própria (OMS, 1986). Saúde não é objetivo senão fonte de riqueza da vida cotidiana,

afirmar-se-ia no relatório do encontro. No mesmo documento, os meios de comunicação são instados a colaborar com a meta da promoção de saúde por meio de ações coordenadas.

Método de seleção dos textos

Para este trabalho, utilizamos duas amostras de capas do jornal *O Globo*⁴, de anos não consecutivos. As primeiras páginas foram recolhidas durante um período de oito semanas, a contar do terceiro domingo de agosto. Em 2011, o período vai de 21 de agosto a 15 de outubro de 2011 e, em 2013, de 18 de agosto a 12 de outubro⁵. Utilizando a ferramenta de busca de documentos do software AdobeReader (Ctrl+F) em cada uma das 102 capas do periódico, foram localizadas as chamadas que continham a palavra risco, incluindo sua variação no plural. O objetivo era quantificar as menções ao termo na capa do jornal e identificar as editorias de cujas chamadas eram provenientes.

Também classificamos as chamadas por tipo, numa tentativa de estabelecer relações com a hierarquia conformada pela disposição das chamadas na página. As categorias utilizadas foram manchete, chamada tradicional, texto-legenda, título simples e frase sob tarja da editoria (FSTE), um recurso gráfico a que O Globo recorre com frequência para dar visibilidade a notícias de cadernos e suplementos semanais.

Esta nossa classificação distingue-se, por exemplo, da de Medeiros, Ramalho e Massarani (2010), que descrevem os tipos de chamada de maneira mais geral. No entanto, optamos por tentar descrever com mais detalhamento os diferentes textos de capa, com o argumento de que esta classificação parece nos dar mais informações sobre a hierarquização das notícias na página, além de mantermos um padrão semelhante ao que adotamos no estudo anterior, o que pode vir a ser útil em trabalhos seguintes para fins de comparação.

⁴ Localizado no Rio de Janeiro e com preço de capa de R\$ 2,50 durante a semana e R\$ 4 aos domingos, é um jornal destinado às classes A e B, líder neste segmento em âmbito local. É editado pela Infoglobo Comunicações, que integra as Organizações Globo. Relatório do Instituto Verificador de Circulação mostra que sua tiragem média em 2011 foi de 252.075 exemplares, o que o coloca em segundo lugar em comparação com 85 outros veículos da Região Sudeste, atrás apenas do jornal mineiro Supernotícia. Em 2013, o jornal ocupou o terceiro lugar com tiragem diária média de 267.541. Relatório obtido pela ferramenta de pesquisa do site do IVC em 13 de janeiro de 2011. Disponível em <http://www.ivc.org.br/ijeweb/scripts/ijeweb.cgi/actposicao>.

⁵ Enquanto a primeira parte da amostra (2011) foi recolhida do jornal impresso e, posteriormente, digitalizada, a segunda parte (2013) foi gentilmente cedida pelo Observatório Saúde na Mídia (OSM) do Ict/Fiocruz. A iniciativa visa a monitorar a cobertura midiática sobre saúde em alguns dos principais jornais brasileiros. O acesso ao acervo permitiu a redução do tempo gasto para coleta de material.

Resultados e discussão

Conforme nossa expectativa, a palavra risco foi citada com considerável frequência em diferentes editorias. Em 2011, ela foi utilizada em 13 das 56 capas, totalizando 23,2% das edições. Em duas delas, o termo apareceu em chamadas de distintas editorias no mesmo dia, somando 15 chamadas, portanto. Em relação às editorias, foi na Economia que o risco se mostrou mais frequente, com cinco ocorrências. A palavra foi associada à saúde em três situações. Interessante observar que a palavra foi mencionada em cinco manchetes do período, figurando, assim, em quase 10% da amostra na posição de maior destaque do jornal.

Além disso, as duas chamadas de saúde no formato frase sob tarja da editoria foram publicadas em dois domingos distintos. Em números absolutos pode parecer um resultado desprezível. No entanto, isso significa que entre as oito edições dominicais, as mais nobres de um jornal diário, 25% traziam reportagens sobre o tema, um percentual muito próximo da amostragem geral. Essa proximidade, parece-nos, dá certo grau de confiabilidade ao método empregado.

Tabela 1: Ocorrência do termo risco nas capas de O Globo por editoria e tipo de chamada na amostra de 2011

2011	Manchete	Chamada	FSTE	Gráfico	Total
País	2				2
Rio	1			1	2
Opinião	1				1
Economia	1	4			5
Mundo		1			1
C&H&S ⁶		1	2		3
Planeta Terra ⁷			1		1
Total	5	6	3	1	15

Tabela 2: Ocorrência da palavra risco na capa de *O Globo* na amostra de 2011

⁶ Em O Globo, embora a editoria de Ciência e Saúde seja uma só, produzida e editada pela mesma equipe, de segunda a sexta-feira, a marca gráfica traz apenas o termo Ciência; aos domingos, o termo em destaque é Saúde.

⁷ Suplemento mensal dedicado a questões ligadas ao meio ambiente. Juntamente com o caderno Razão Social, com foco em ações empresariais sustentáveis, foi extinto recentemente em favor do caderno semanal Amanhã.

Data	Tipo	Editoria	Transcrição
24/8, quarta	Chamada	Economia	“O presidente da agência de classificação de risco Standard & Poor’s (S&P), Deven Sharma, vai deixar a instituição até o fim do ano.”
25/8, quinta	Manchete	Opinião	“Páginas 31 a 34 e editorial ‘O risco de a Líbia virar outro Iraque’”
27/8, sábado	Chamada	Mundo	“Com medidas drásticas, como a paralisação do metrô a partir das 12h de hoje e a retirada de 250 mil pessoas de áreas de risco, Nova York se prepara para a chegada do furacão Irene, que deve atingir a Costa Leste dos EUA.”
4/9, domingo	FSTE	Saúde	“Médicos alertam que os inibidores de apetite usados em dietas elevam risco cardíaco.”
15/9, quinta	Chamada	Economia	“A agência de classificação de risco Moody’s rebaixou a nota de dois grandes bancos da França: Crédit Agricole e Société Générale.”
19/9, segunda	Gráfico	Rio	“Percurso de alto risco”
20/9, terça	Manchete	País	“Economistas e estudiosos do Bolsa Família dizem não ver risco de o extra para gestantes estimular o aumento da natalidade por causa do baixo valor do benefício.”
21/9, quarta	Chamada	Economia	“Após rebaixar a Itália, a agência de classificação de risco Standard & Poor’s (S&P) anunciou ter elevado a nota da Turquia, que passou a ser considerada um país com grau de investimento em moeda local, devido a ‘melhorias continuadas’ no setor financeiro.”
22/9, quinta	Manchete	País	“Ao abrir ontem a Assembleia Geral da ONU, a presidente Dilma Rousseff defendeu a união dos países para enfrentar a crise econômica mundial, alertando para o risco de ela se transformar numa ‘grave ruptura política e social’.”
22/9, quinta	Chamada	Economia	“Dólar dispara e FMI vê risco no crédito”
25/9, domingo	FSTE	Saúde	“Carioca grávida aos 61 anos cria polêmica sobre riscos da gravidez tardia.”
27/7, terça	FSTE	Planeta Terra	“Pesquisa inédita alerta que os recifes de corais correm risco de ser o primeiro ecossistema totalmente extinto.”
5/10, quarta	Manchete	Rio	“A prefeitura aumentou de R\$ 40 mil para R\$ 77 mil o teto de ajuda para a compra de uma nova moradia para as famílias que hoje vivem em áreas de risco nas favelas ou cujas casas estejam no caminho de obras.”

5/10, quarta	Chamada	Ciência	“A Anvisa deu sinal verde para que a sibutramina, proibida nos EUA e na Europa, continue a ser vendida no país. A decisão ignorou parecer inicial da câmara técnica da Anvisa. A sibutramina eleva o risco de infarto e derrame. Três remédios emagrecedores foram proibidos.”
12/10, quarta	Manchete	Economia	“‘Há uma crise sistêmica na região que põe em risco a estabilidade econômica global’, alertou o presidente do BC europeu, Jean-Claude Trichet.”

Em 2013, o uso da palavra risco foi ainda mais expressivo: em 18 (32,1%) das edições ela esteve presente. Em duas edições, o termo foi utilizado em chamadas de mais de uma editoria, totalizando 21 chamadas. Igualmente à amostragem anterior, os textos da editoria de economia foram os que mencionaram o termo com mais frequência⁸. A palavra esteve associada a uma reportagem de saúde.

Tabela 3: Ocorrência do termo risco nas capas de O Globo por editoria e tipo de chamada na amostra de 2013

2013	Manchete	Chamada	FSTE	Total
País		3		3
Rio		1		1
Opinião		1	1	2
Economia		8	1	9
Mundo	1			1
C&H&S		1	1	2
Esporte		2		2
Segundo Caderno			1	1
Total	1	18	2	21

Tabela 4: Ocorrência da palavra risco na capa de *O Globo* na amostra de 2013

Data	Tipo	Editoria	Transcrição
28/8, domingo	Manchete	Mundo	“(…) Aliados do ditador sírio, Rússia e Irã alertaram para os riscos de uma intervenção.

⁸ Em levantamento realizado na Folha de S. Paulo, com metodologia e amostras transversais, Spink e colaboradores (2012) também identificou que, nas capas do jornal, o risco é majoritariamente associado a assuntos de natureza econômica.

			(...)"
28/8, domingo	Chamada	Economia	"Risco de guerra derruba Bolsas"
28/8, domingo	FSTE	Segundo Caderno	"Festival de Veneza Filmes de caos, risco e ficção científica"
31/8, sábado	Chamada	País	"O TCU detectou risco de 'grave lesão ao Erário'(...)."
2/9, segunda	Chamada	Esporte	"(...) O Vasco, que perdeu por 5 a 3 para o Cruzeiro, no Mineirão, também volta a correr risco: (...)"
5/9, quinta	Chamada	Economia	"(...) o FMI alertou para o risco sobre os mercados mundiais de câmbio da retirada de estímulos pelo BC americano."
9/9, segunda	Chamada	País	"Especialistas afirmam que a espionagem americana coloca em risco principalmente segredos tecnológicos da Petrobras na exploração do pré-sal.(...)"
11/9, quarta	FSTE	Opinião	"Zuenir Ventura Esconjuro o risco de os EUA entrarem numa guerra agora."
12/9, quinta	Chamada	Rio	"Cerca de 207 mil pessoas vivem em encostas de alto risco de deslizamento no Estado do Rio.(...)"
13/9, sexta	Chamada	Opinião	"O risco de ficar mais difícil entender a Justiça."
15/9, domingo	FSTE	Saúde	"O risco da droga para manter o foco"
15/9, domingo	Chamada	País	"Ministro alerta para risco de perda de credibilidade"
18/9, quarta	Chamada	Economia	"Para atrair investidores, o governo vai eliminar o 'risco Dnit' (...)."
20/9, sexta	FSTE	Economia	"Míriam Leitão Improvisos regulatórios têm sido constantes, e isso aumenta demais os riscos."
27/9, sexta	Chamada	Economia	"(...) especialistas alertam para o risco de as novas concessões de rodovias ampliarem as distorções entre os preços de pedágios."
1/10, terça	Chamada	Economia	"(...) Se o governo afrouxa a meta fiscal, há risco da necessidade de alta de juros para conter a inflação. (...)"
5/10, sábado	Chamada	Esportes	" (...) Flamengo e Vasco lutarão contra risco de rebaixamento."
7/10, segunda	Chamada	Economia	"Os riscos eleitorais para o programa de privatizações No ano das eleições presidenciais, o governo tentará assegurar dois terços dos investimentos previstos no programa de privatizações, ou R\$ 317,1 bilhões. Mas especialistas avaliam que as eleições aumentam a incerteza e, portanto, o risco de frustração."
8/10, terça	Chamada	Economia	"Risco de calote de US\$ 78 bilhões"

11/10, sexta	Chamada	Economia	“Risco de calote nos EUA”
12/10, sábado	Chamada	História	“Patrimônio em risco”

Se do ponto de vista quantitativo a editoria de economia é a que mais fez uso do termo, para expressar tensões e preocupações tanto nas relações internacionais quanto nas questões locais, como inflação, juros, bolsa de valores, outras editorias disputaram a relevância de seus temas na primeira página do jornal na hierarquização das notícias. As editorias País e Mundo, a despeito do menor número de ocorrências, ocuparam posições de destaque na capa relacionadas a percepções de ameaças distintas. Manchetes sobre a iminência de confrontos armados no exterior e desdobramentos políticos e sociais de questões econômicas internacionais permitem-nos imaginar que o termo ganha relevo ao atingir nações e seus sistemas. Temos, assim, duas situações que se mostram mais frequentemente associadas à noção de risco: assuntos econômicos, em que as perdas de capacidade de investimento e pagamento de países e empresas são tratadas quase como catástrofes, e ocorrências que podem ter um desfecho efetivamente traumático para populações. Cabe destacar que os riscos atribuídos às falas de chefes de Estado, como no caso do pronunciamento da presidente Dilma Rousseff na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, parecem se tornar maiores ou mais graves.

No noticiário sobre a cidade, destacam-se dois tipos de riscos: o de violência, mencionado de maneira explícita no infográfico “Percurso de alto risco”, que mapeia pontos do município com maior incidência de crimes, e o de deslizamentos de moradias cuja localização assume uma conotação que atualmente dispensa qualquer explicação adicional: áreas de risco. Ora, a cidade passa a ter, assim, trechos habitados que, a priori, são classificados como inseguros para moradia. De maneira análoga à da saúde, estabelecer-se nesses endereços, segundo a ótica do jornal, parece ser uma opção desses moradores que se expõem à enorme probabilidade de que suas casas venham abaixo na ocorrência de chuva intensa.

Em relação à saúde, é curioso notar que em três das quatro ocorrências o risco gira em torno do uso de medicamentos. O debate sobre a liberação ou não de inibidores de apetite, nas capas do jornal, é considerado menos sob a perspectiva de seus possíveis efeitos benéficos no controle da tão propalada epidemia da obesidade e mais sob a possibilidade de causarem doenças cardiovasculares agudas e crônicas. Não se toma aqui partido a favor ou contra o uso de fármacos para o tratamento do excesso de peso, apenas registra-se a opção do veículo, que talvez traduza um sentimento do senso comum, por apontar riscos à saúde

num dispositivo (remédio) que justamente deveria minimizá-los. Embora o faça de modo muito resumido, como costuma acontecer com as chamadas de primeira página, o uso da “droga para manter o foco”, a ritalina, prescrita para controle do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), também é marcado por este tipo de ressalva. Ainda na saúde o outro tema a que o termo foi relacionado é a gravidez tardia, em que a opção pela gestação fora dos limites temporais biologicamente programados – e, até agora, socialmente aceitáveis – é visto com desconfiança.

Tanto no exemplo dos medicamentos para controle de apetite quanto no da idosa que opta por gerar um filho aos 61 anos, é possível captar os sentidos prescritivos de normalidade, do convencional. Nos dois casos, e também em alguns outros como naqueles encontrados na editoria de cidade, a exposição aos riscos parece ser uma ação deliberada dos sujeitos que optam ou não por se colocar em perigo mesmo diante do alerta feito pelo veículo de comunicação. Essa ideia de que o jornal pode atuar como um arauto do risco também é recorrente nas páginas de economia em que o veículo dá voz a colonistas e analistas que se imputam o papel de prever como determinadas ações políticas e econômicas se desenrolarão.

Apesar de os números sugerirem que houve um aumento no uso do termo, não podemos afirmar que essa é uma tendência inconteste. Para que se pudesse fazer essa afirmação baseada em dados e não apenas na observação cotidiana, seriam necessárias análises de períodos mais longos e consecutivos. Apesar disso, a recorrência do tema na capa do jornal nos faz pensar em termos cunhados que tentam definir nosso tempo: sociedade catastrófica e indústria no risco. É preciso salientar que, embora tenhamos encontrado a palavra risco em aproximadamente um terço do total das edições, o tema seguramente foi abordado num percentual muito maior. Como exemplo, mencionamos a seguinte manchete de saúde, de 19 de setembro de 2011: “Infecção hospitalar mata 100 mil por ano no Brasil”. Apesar de a palavra risco não estar presente, todo o apelo do texto consiste na produção de um interesse sobre a probabilidade de o problema se manifestar tanto na rede pública quanto na particular. Poderíamos elencar aqui outros exemplos semelhantes, especialmente relacionados à saúde.

Se por um lado a divulgação dos mais recentes ou fidedignos fatores de risco de qualquer doença pode despertar a curiosidade do leitor, como creem os editores de primeira página, por outro, o uso que esse mesmo leitor fará da informação será sempre uma incógnita. Essa lógica editorial, em consonância com uma abordagem conservadora da

promoção da saúde, apoia-se numa suposta superioridade da epidemiologia. No entanto, o “receptor” presumidamente racional se comporta de diferentes maneiras em sua intimidade. Como atestam Almeida Filho, Castiel e Ayres, “somos testemunhas de que a racionalidade não aporta obrigatoriamente certeza, consistência, confiança e tranquilidade” (p. 324, tradução nossa). Castiel et al serão ainda mais enfáticos quanto à opção de parte dos indivíduos frente ao risco: “a corporificação do prazer é mais significativa do que a intangibilidade da morte” (2010, p.42).

Para esses autores, ciosos da importância e do lugar da epidemiologia, há um descompasso entre esta disciplina e a promoção de saúde. Seria, no entanto, absurdo cobrar dos inquéritos epidemiológicos uma correção de rumos. A questão sobre a qual esses pesquisadores lançam luz é esta: é desejável se trabalhar a saúde exclusivamente do ponto de vista da epidemiologia? Eles próprios apontam a necessidade de saberes mediadores. E afirmam que o discurso racionalizante do risco constitui a expressão do puritanismo e da responsabilização individual, que ressaltam a importância do estilo de vida na contemporaneidade. Para Vaz (2007), essa valorização do risco se situa numa perspectiva judaico-cristã que associa culpas e méritos a dados comportamentos, como se a privação do prazer pudesse garantir um certo benefício futuro. Recorrendo às contribuições de Weber e Giddens, Castiel e seus colaboradores (2010) atestam que essa categoria fundamental da tardomodernidade, o estilo de vida, é baseada em escolhas socialmente determinadas, conformando o que poderia parecer controverso: estilos de vida coletivos, definidos por modos de se relacionar compartilhados.

Fazendo referência aos estudos de Deborah Lupton, os mesmos autores apontam duas perspectivas distintas de risco. A primeira trataria de mediações culturais de perigos e ameaças reais e a segunda, de um construto social de largo espectro. A essa perspectiva, na qual tudo pode ser arriscado, interessa saber “que sujeitos são forjados por meio do discurso do risco?” (CASTIEL et al, 2010, p.46).

Entre as questões que apontam figura, por exemplo, o deslocamento da atividade física da esfera do prazer ou a da satisfação pessoal para a da obrigação. Este seria mais um caso típico que detém espaço cativo nos meios de comunicação, assim como o revisionismo científico, que ora condena ora absolve determinados alimentos, substâncias e comportamentos. E ainda: a medicalização do cotidiano social, que corrobora um cenário em que o leigo passa a ter responsabilidade por se pautar nas orientações provindas do saber médico e em que a vítima (de uma doença) é culpada por seu estado já que provavelmente

não atendeu às diversas recomendações amplamente divulgadas. Lerner (2013) observa que essa interpretação configura um redimensionamento da subjetividade e da temporalidade já que valoriza o cuidado fruto da ação do sujeito.

É interessante – e, de um certo ponto de vista, particularmente reconfortante – o entendimento que Castiel, Guilam e Ferreira (2010) partilham em relação à divulgação destas incongruências pelos meios de comunicação. Os autores afirmam que essa lógica contemporânea ofusca importantes questões sociais, ainda que seus mensageiros sejam idôneos e bem intencionados.

Considerações finais

A considerável ocorrência de chamadas de primeira página tratando de risco nos variados aspectos da vida social parece confirmar o que autores a que recorreremos chamam de sociedade do risco ou sociedade catastrófica. Conforme tentamos mostrar, a imprensa não apenas ecoa, mas contribui de forma mais ou menos intencional, para a produção de sentidos sobre risco em diferentes contextos sociais. No âmbito da saúde, ela também reverbera as tensões existentes entre os próprios pesquisadores, especialmente, os da área da epidemiologia e da promoção da saúde. Como debatido pelos autores a que recorreremos, a pretensão de controle dos riscos pode ser ingênua e ilusória, e o jornal constrói discursos sobre a possibilidade de intervenção, ora sobre a inevitabilidade dos prognósticos.

Assim, estudar a interface especialistas/jornalistas na divulgação de achados científicos e na comunicação dos riscos pode ser uma empreitada útil para as ambições de uma abordagem menos conservadora da promoção de saúde se consideramos que os meios de comunicação são capazes de interferir nesse processo. Um dos caminhos a ser trilhado poderia partir da contribuição de Vaz (2007), que compreende que se persiga a acuidade na tradução na comunicação de tópicos em saúde, mas sugere uma abordagem da relação entre estilo de vida e doença sob um outro ângulo. Cabe a nós nos arriscar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N.; CASTIEL, L. D; AYRES, J. R.; Riesgo: concepto básico de la epidemiología. **Salud colectiva**, Lanús, v. 5, n. 3, p. 323-344, 2009.

BECK, U. **La sociedad del riesgo: hacia a una nueva modernidade**, Paidós Básica, 1998. Disponível em <<http://search.4shared.com/postDownload/WzjbV2dM/Beck-Ulrich-La-Sociedad-Del-Ri.html>>. Acesso em 1 Jul 2014.

CASTIEL, L.D.; GUILLAN, M.C. R.; FERREIRA, M. S. **Correndo riscos: uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010.

CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE LA PROMOCIÓN DE LA SALUD. **Carta de Ottawa para la Promoción de la Salud**. OMS, Salud y Bienestar Social de Canadá, Asociación Canadiense de Salud Pública, 1986.

LERNER, K. **Doença, mídia e subjetividade: algumas aproximações teóricas**. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 2013. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0555-1.pdf>. Acesso em 1 Jul 2014.

MEDEIROS, F. N.; RAMALHO, M.; MASSARANI, L.. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 439-454, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000200010&lang=pt>. Acesso em 4 Jul 2014.

POLANCZYK, Carisi Anne. Fatores de risco cardiovascular no Brasil: os próximos 50 anos. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 84, n. 3, Mar. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2005000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jul 2014.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0066-782X2005000300001>.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 151-164, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a17v15n1.pdf>>. Acesso em 1 Jul 2014.

SCHWITZER, G. How the News Media May Hurt – Not Help – Health Literacy Effort. In: **Health news watchdog Blog**. Disponível em <http://www.healthnewsreview.org/2011/10/health-literacy-month-blog-series-includes-my-how-the-news-media-may-hurt-not-help-health-litera/>. Acesso em 1 Jul 2014.

VAZ, P. O sentido das notícias sobre saúde na cultura contemporânea. **Revista Eco-Pós**, v.10, n 1, p.107-119, 2007.